

Fonte O Estado de São Paulo

Class.:

31

Data 8 de abril de 1975

Pg.:

08.04.75

Estatuto do Índio será modificado

Do correspondente e
da Sucursal

Enquanto, em Manaus, o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo, inaugurava o Seminário do Índio, que reúne técnicos da Funai e representantes das missões religiosas do Amazonas e de Roraima, em Brasília, o ministro Rangel Reis, do Interior, irritado com as constantes discussões entre missionários e dirigentes do órgão, reafirmou a intenção de introduzir modificações no Estatuto do Índio, "reforçando a autoridade da Funai para conduzir a política indigenista brasileira".

Embora sem abordar os principais artigos do Estatuto que serão reexaminados, Rangel Reis deixou claro que será mantido o veto presidencial ao artigo do Estatuto que determinava a autonomia das missões religiosas no trabalho indigenista. E admitiu, ainda, que poderão ser introduzidos novos dispositivos objetivando um controle mais direto da Funai sobre as atividades dos missionários.

A não participação ativa do Conselho Indigenista Missionário — o Cimi — nas discussões dos problemas indígenas levantados pelos antropólogos está levando o Seminário do Índio para o esvaziamento. Para o secretário-executivo do Cimi, padre Egydio Schwader,

"o seminário perdeu sua finalidade, porque os objetivos propostos pela Funai não estão sendo alcançados: querem a qualquer custo apresentar falhas das missões religiosas, sem primeiro se avaliar o que realmente a Funai está realizando dentro do que preceitua o Estatuto do Índio".

Essa não é, entretanto, a opinião do presidente da Funai. Em seu pronunciamento, após a abertura do encontro, ele afirmou reconhecer a existência de falhas decorrentes de uma insuficiente infra-estrutura e perguntou: "Se a Funai tem a franqueza de anunciar tais limitações e deficiências no seu trabalho junto aos índios da Amazônia, por que as missões não fazem o mesmo?"

Em meio a esse clima, foram debatidas a atuação da imprensa — que, segundo os missionários, vem deturpando seu trabalho — e a existência de um "banco", criado pela Missão Catrimani, em Roraima, condenado pelos antropólogos da Funai, mas defendido pelos missionários — segundo eles, com a aprovação dos mesmos antropólogos — como a melhor maneira de educar o indígena, já que ele não tem idéia do que seja o dinheiro". O sistema empregado pelo "banco" da missão Catrimani utiliza fichas com bolinhas coloridas, que são creditadas ao índio a cada tarefa realizada ou bem produzido, em troca de que recebem ferramentas, alimentos e remédios.